



Universidade: presente!



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Escrever é construir: a narração como matéria prima

Autor: Jonas Augusto Fagundes

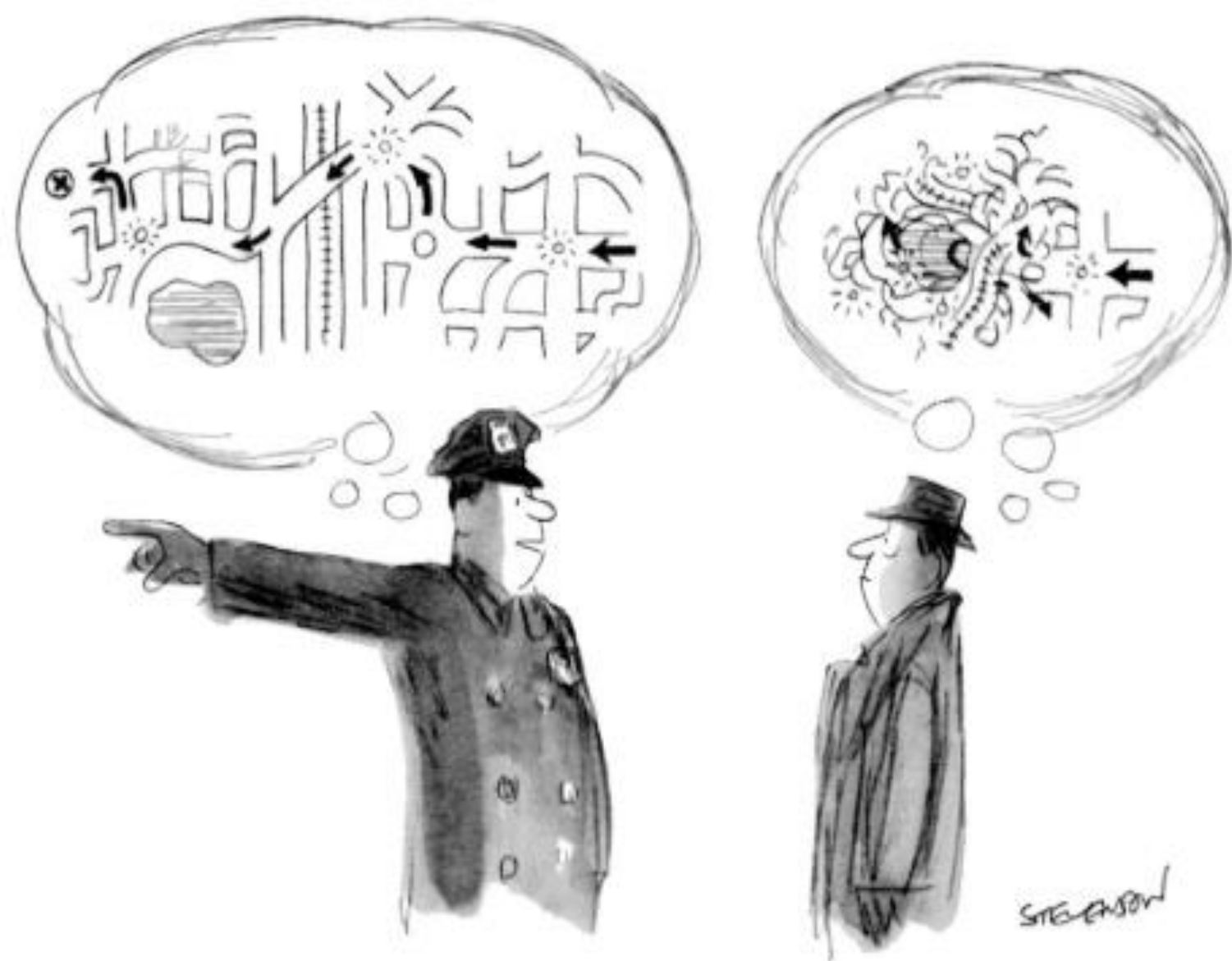
Orientadora: Prof.^a Dra. Magali Lopes Endruweit

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar de que forma a prática da narração na escrita pode facilitar o processo de significação e, por consequência, ajudar a produzir um texto de melhor qualidade. Nossa hipótese é de que a narração funciona como uma maneira de evidenciar referências que são claras apenas para quem escreve, facilitando, então, que o leitor recupere os significados pretendidos pelo autor do texto. Isso acontece, porque ao contarmos uma história, mostramos ao nosso leitor uma cena em nosso ponto de vista que, de outro modo, apenas nós, autores, conheceríamos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Maldição do conhecimento: é a dificuldade de mensurar aquilo que nosso interlocutor desconhece de uma realidade que para nós é clara, até mesmo óbvia. PINKER (2014), afirma que: “Simplesmente não passa pela cabeça dessas pessoas que seus leitores não sabem aquilo que elas sabem – os leitores não dominaram o jargão da sua profissão, não conseguem adivinhar os passos faltantes que parecem demasiado óbvios para serem mencionados, não têm como visualizar uma cena que, para elas, é tão clara como o dia.”



Charge de James Stevenson, representando a ideia da “Maldição do conhecimento”.

Narração: A vivência subjetiva, o que se conta a partir de um ponto de vista único e intransferível. “Ela, [a narração] mergulha a coisa [aquilo que se conta] na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.

É a narração que convida a presença do leitor ou ouvinte, diferente do romance onde no fim não há espaço para perguntas, apenas a reflexão solitária (BENJAMIN, 1936).

Intersubjetividade: É a possibilidade de troca entre as pessoas “eu” e “tu” na instância do discurso (BENVENISTE, 1995). A intersubjetividade é essa troca de lugares em que eu concedo seu lugar ao tu, que por sua vez lhe dá o lugar novamente. Nossa questão neste trabalho é que essa troca se faça presente na escrita, apesar da ausência de interlocutor que é característica do ato solitário de escrever, diferente da fala.

Ausência: Considerando que, ao contrário do que acontece com o sujeito frente à língua falada, somos formalmente ensinados a escrever (ENDRUWEIT, NUNES, 2013), é necessário compreender que inicialmente não nos é ensinado que, levando em conta o fato de que a escrita nada mais é do que outra instância da fala - sendo sujeita, portanto, às relações de intersubjetividade (BENVENISTE, 1968 - 1969) -, falta ao aluno a prática do exercício de diálogo natural à fala: falta-lhe a quem falar, falta-lhe um alocutário (ENDRUWEIT, NUNES, 2013).

METODOLOGIA

Para verificar a relevância da narração na escrita, foram avaliados textos de domínio público encontrados em redes sociais, blogs, jornais, revistas e outras formas de publicação, nos quais observamos a presença da narração em relação à qualidade do texto. O método de avaliação escolhido foi o do Professor Paulo Guedes, apresentado em seu livro *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. Tal método centra a avaliação dos textos em quatro qualidades discursivas: A unidade temática, que propõe que tratemos de um único tema; a objetividade, resumida em lançarmos um olhar de fora sobre nosso próprio texto; o questionamento, que implica que toda a produção escrita deve trazer uma discussão de interesse do leitor; e por fim, a concretude, qualidade de mostrar ao leitor como nossas ideias e propostas se configuram no mundo. Nos interessa aqui a concretude, que pode ser alcançada através do uso da narração.

CONCLUSÃO

Através das análises realizadas ficou evidente que os textos que possuíam elementos de narração alcançam a qualidade da concretude, do critério de avaliação. A partir disso, concluímos que a narração é relevante no processo de significação dentro de um texto, permitindo que o autor possa trazer ao leitor, pela escrita, referências que de outro modo o leitor não teria como conhecer. Partindo então dessas perspectivas, é possível pensar em um ensino de escrita centrado na prática da narração.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. 1982. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Berlin, 1982.
- BENVENISTE, E. 1995, *Problemas de linguística geral I*. Campinas, São Paulo, Pontes. 387 p.
- _____. 1989. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, São Paulo, Pontes. 294 p.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes; NUNES, Paula Avila. O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência?. In: *Calidoscópio*, v. 11, n. 2, 2013. , p. 204- 213.
- GUEDES, Paulo Coimbra. 2002. *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*. Porto Alegre, UFRGS. 317 p.
- PINKER, Steven. *The sense of style: the thinking person's guide to writing in the 21st century!* Penguin, Nova Iorque, 2014.61 p.